



## EXCURSÃO INAUGURAL RELATO DA PRIMEIRA EXCURSÃO DO CEU

Por Olga Hide Shimabokuro

Estação Sorocabana, 6:10 do **dia 23 de agosto de 1970**, domingo. Um grupo de jovens caminha pela plataforma rumo ao trem que os levará a Engenheiro Ferraz, na Serra do Mar, local escolhido para a excursão inaugural do CEU.

Guiados pelo Osvaldo, caminham: Douglas, Toninho, Miguel, Laerte, Hidemi, Catão, Dora e Olga. O grupo ainda não está completo, pois uma companheira, a Vivien, deve agregar-se ao grupo na estação de Pinheiros. Aqui o trem para por muito tempo, permitindo não só que a Vivien o tomasse, como também seus convidados que estavam atrasados.

O trem está para partir. Os amigos de Vivien ainda estão do lado de fora da estação. Solução encontrada: pular o muro que os separava. Os passageiros, curiosos pela cena que se desenrolava, ficam à janela vendo os nossos companheiros ajudar os amigos de Vivien a pular o muro.

Todos a bordo. A viagem prossegue sem maiores atrativos até o início da serra. Então a paisagem começa a modificar-se. O ar torna-se mais frio. Cessa a conversa e todos admiram da janela os despenhadeiros cujo fim não se via devido a neblina. O Toninho explica as causas prováveis da formação da densa neblina que envolve a serra. Atravessados mais uns túneis, chega Engenheiro Ferraz, porém não é aí que se desce, é na próxima parada. Não há estação. A plataforma é uma pequena extensão de madeira suspensa por toras. Ao fundo, poucas casinhas amarelas e atrás delas, as elevações montanhosas.

Não somos os únicos a descer lá. Um grupo bastante numeroso segue junto a nós pelos trilhos da estrada de ferro, única via possível de acesso ao local pretendido. São nove horas e o sol ainda não surgiu. O tempo apresenta-se nublado. Uns 15 minutos de caminhada e, eis que surge o tunel. Um pouco antes, uma ponte e barulho de água despencando.

De um dos lados da ponte, uma cascata alta, linda e branca esparramava suas águas rocha abaixo.

Um breve momento de admiração e o guia Osvaldo começa a preparar o material para a operação “rapel”, que consiste em fazer uma descida por meio de cordas.

Havia possibilidade de se descer por outro caminho, mas como o Alpinismo é uma das metas do CEU, melhor seria começar aprender as técnicas agora.

Excursão inaugural do CEU na Serra do Mar  
Olga - Descida de rapel  
Agosto de 1970



Por Olga H. Shimabokuro

O guia Osvaldo, com a ajuda do Douglas, prepara as cordas e explica à turma o manejo do material empregado, a maneira de segurar a corda, a maneira de amarrá-la ao corpo,. Enfim, tudo que se deve e o que não se deve fazer. Faz uma demonstração de como descer, e aqueles que já tinham experiência anterior como o Douglas e a Dora, seguiram adiante para dar coragem aos que ficavam.

Enquanto o guia Osvaldo explica a técnica aos interessados, outros mais impacientes, desceram por outro caminho e foram na frente, desgarrando-se do resto da turma.

Comentou o guia Osvaldo na ocasião da inconveniência de não andar todos juntos, dada a possibilidade de acidentes que poderiam ocorrer.

Do outro lado da ponte, o grupo que conosco veio, e que constituía um grupo de umbandistas, preparava-se para um ritual religioso que se realizaria na cascata.

Com roupas próprias para rituais, velas coloridas, garrafas de bebidas alcoólicas, o grupo deixava-se fotografar com o pai de santo à frente.

A descida demorou pois era necessário preparar e explicar a cada um que descia tudo novamente. Isso se justificou pelo fato de ser a primeira vez que a maioria tinha essa experiência. Daqui pr'a frente, com a preparação que haverá, cada um estará capacitado a cuidar de sí mesmo. Mas nem todos desceram pelo rapel: uns não quiseram, outros não puderam devido ao tempo exíguo que o guia Osvaldo estabelecera, pois a intenção era, não só descer rochas abaixo até a prainha, como também fazer uma caminhada até ao lago distante uns 3 kms.



Todos já estavam lá embaixo da ponte, quando um rapaz desconhecido avisa que um dos nossos havia caído e se machucado mais abaixo. Não se sabia quem era. Supunha-se que fosse um dos que se haviam adiantado ao grupo. O guia Osvaldo desceu para averiguar o fato, enquanto pedia ao resto da turma que permanecesse onde estava.

Alguns lances rochosos abaixo estava caído um dos convidados da Vivien. Soube-se então que, há algum tempo, o rapaz sofrera um acidente de moto e havia fraturado a perna, que não estava totalmente recuperada. Isso significa que ele não estava em condições físicas suficiente para fazer a caminhada que se pretendia, já que ele não podia forçar a perna afetada. O acidente deu-se quando, ao fazer uma descida brusca e escorregadia, ele precisou apoiar-se na perna afetada. Esta devido as suas condições precárias, não agüentou o esforço e cedeu ante ao tranco.

Conhecidas as condições gerais do ferido, providenciaram-se os primeiros socorros, já que ele não podia locomover-se por si próprio. O primeiro ato foi construir uma maca indígena. Os rapazes distribuíram-se pelas matas e com facões cortavam árvores de porte médio para a construção da maca. Com o material disponível os rapazes amarraram os troncos e construíram uma sólida maca de forma triangular.

O Miguel preparava o caminho para a subida da maca. Com pedras, fazia correção onde necessário para se ter um apoio mais firme onde pisar.

O Hidemi percorria alguns quilômetros até a estação que possuía um telégrafo, para pedir ajuda.



Sua missão era entrar em contato com alguém que pudesse autorizar o trem a fazer uma parada extra na ponte para levar o ferido embora. Como o trem para São Paulo só partisse às 17:30 hs, a única solução foi tomar o trem para Santos. De lá, após os primeiros socorros, partir para São Paulo.

Lá embaixo, preparava-se para transportar o ferido. O primeiro passo foi colocar o ferido na maca e amarrá-lo de maneira que ficasse bastante firme sem contudo machucá-lo. Não se pode contar com a colaboração do ferido que temia ferir-se mais, mas conseguiram convencê-lo que aquela era a única maneira de se sair dali. Feito isso, começou a extenuante subida.

O ferido foi içado pelos rapazes. Estes distribuíram-se de forma a constituir uma vanguarda, uma retaguarda e um grupo do meio. Quando se chegava a um local plano, interrompia-se para um breve descanso. A ajuda que os rapazes pediram ao pai de santo umbandista pouco valeu, já que, devido suas obrigações religiosas, logo ele se retirou.

O trem, a essa altura, já estava chegando e, com a ajuda dos maquinistas foi possível levá-lo, enfim, para o trem. Este era de carga e não possuía local onde se pudesse colocar uma maca, de forma que o ferido ficou junto ao maquinista. Seguiram com êle, a sua namorada, a Vivien e mais um rapaz.





Depois que tudo voltou ao normal, a turma se confraternizava e se rejubilava por ter dado tudo certo.

Enfim poderiam descansar, comer e prosseguir a excursão. O ambiente tornou-se alegre e, enquanto se comia, comentava-se os lances difíceis da escalada. Todos estavam contentes porque haviam se saído muito bem da primeira experiência séria que passaram. E também ficou evidente um fato: o perfeito trabalho em grupo que a turma realizou, concatenando-se em todas as partes.

O Toninho teve ocasião de empregar os seus conhecimentos adquiridos no serviço militar. Catão reportou a remoção do ferido com a sua máquina.

Proseguindo a excursão, embora alterada, seguimos abaixo com o guia Oswaldo ministrando algumas noções básicas de alpinismo. Fazia ele alguns lances e pedia para a turma repetí-los. Isso serviu para ele ter uma noção de como andava a turma. Chegamos assim até a prainha onde descansamos um pouco.

O Toninho e o Laerte saíram para dar uma explorada nos arredores. Miguel procurava orquídeas pelas árvores. Os demais descansavam na praia de pedra. Toninho recolheu amostras de rochas e terra do local para analisá-las. O retorno foi feito pelo outro lado do rio e foi mais difícil, com alguns lances apresentando dificuldades para os iniciandos.

Já debaixo da ponte, tomamos um lanche rápido enquanto o Oswaldo e a Dora tomavam banho na cachoeira.



Iniciamos então o caminho de volta que correu normalmente e inicialmente sentados no chão do trem. Vale deixar registrado que a viagem de volta custou mais barata por obra do guia Osvaldo que a encurtou por conta própria ao cobrador.



Estava encerrada assim a primeira excursão do CEU que, pelos fatos já relatados, deixou valiosas experiências e, acima de tudo, mostrou que é um grupo coeso e unido, qualidades essenciais para o que o CEU atinja todos os seus objetivos.

## **FOI ESSA A PRIMEIRA EXCURSÃO DO CEU?**

Quanto a se essa foi, ou não, a excursão inaugural do CEU, havemos de lembrar que entre meados de junho e agosto de 70 fizemos várias saídas para o Jaraguá para dar noções de escalada e rapel. Inclusive, o Douglas, o Laerte e a Olga tiveram oportunidade de treinar comigo no Jaraguá, nesse período.

Se considerarmos que a sede do CEU estava aberta ao público a partir de meados de junho de 1970 e que houve uma excursão para Itatiaia no início de julho, da qual participaram o Isaac, a Anne, a Dora e Eu, então certamente essa não seria a excursão inaugural. Há que levar em conta, entretanto, que a Anne e a Dora já escalavam comigo e com o Isaac muito antes da formação do CEU, ou seja, se pensarmos apenas em alunos da USP, excluindo-se a Anne, o Isaac e Eu, poderíamos dizer que a excursão à Serra do Mar foi a primeira excursão do CEU, já que as saídas para o Jaraguá não eram exatamente excursões e sim treinamentos rotineiros.

Assim o relato da Olga cobre praticamente todos os fatos ocorridos, além de ser elegante e interessante.

## **CONSIDERAÇÕES ADICIONAIS**

- Apesar da pouca ou nenhuma experiência da maioria do grupo a turma içou o acidentado escalando alguns trechos de rochas em forma de paredes verticais, com o complicador de que estávamos escalando ao lado de uma cachoeira e tudo estava molhado..
- Transportamos a maca acima, escalando rochedos ao longo de aproximadamente 100 metros, o que, absolutamente não é pouco, se considerarmos a inexperiência do grupo, o peso da maca e o peso do próprio ferido. O peso somado da maca com o do ferido, estimo poderia chegar a uns 110 quilos.
- A maca era tão grande que no momento de ser transportada na locomotiva, ela foi colocada apoiada nas duas janelas do maquinista ficando com o vértice e os pés para fora. O Acidentado viajou para Santos dentro da Locomotiva deitado sobre a maca.
- O ferido foi atado à maca utilizando-se a única corda que o CEU possuía na época e quando os paramédicos foram remover o ferido da maca, em Santos, para transferí-lo para uma ambulância, não tiveram dúvidas cortaram a corda toda.



- Embora, tivéssemos tido uma experiência, muito instrutiva e interessante, da qual nos saímos muito bem, foi lamentável o fato de que o rapaz que se acidentou e tão pouco a namorada dele, a Vivien, demonstraram gratidão ao grupo do CEU pelo resgate e também não se prontificaram a repor a corda que foi cortada pelos paramédicos.
- Vale ressaltar, que o grupo do CEU não teve nenhuma responsabilidade em face do ocorrido, já que a pessoa que se acidentou, não foi convidada e nem avaliada previamente pelos organizadores da excursão. Os únicos responsáveis foram o próprio acidentado e a namorada dele que sem pedir autorização incluiu o rapaz na excursão e depois, durante o treinamento que estava sendo dado para os que iam fazer rapel, eles resolveram descer por conta própria as encostas da cachoeira sem dar satisfação ao guia do grupo ou pelo menos solicitar dicas.
- Fato curioso, que vale a pena ser lembrado, foi o barraco que a Vivien fez quando estávamos tomando as providências para transferir o ferido para a maca. Naquele momento ela gritava desesperadamente que nós não podíamos tocar no acidentado e que tínhamos de chamar por socorro especializado. Eu sabia que chamar por socorro teria implicações imprevisíveis. Em sendo a pessoa mais experiente do grupo, eu estava coordenando o resgate e tinha que tomar decisões o tempo todo e aquela gritaria da Vivien estava me perturbando. Em um determinado momento, irritado com ela, brami o facão de maneira ameaçadora e rasguei a frase - "Ou você cala a boca ou eu corto a sua língua". Por incrível que pareça a Vivien emudeceu e pudemos continuar com a difícil tarefa de colocar o acidentado sobre a maca.
- Outra coisa que me lembro daqueles momentos de tensão, é que estávamos diante de um infeliz que veio para uma excursão daquela natureza com fraturas em processo de consolidação tendo pinos nos fêmures das duas pernas. Com o escorregão e o tranco, a perna direita simplesmente quebrou novamente no local do pino formando um ângulo que deixava visível o desalinhamento da perna e a fratura. Argumentei com o infeliz que iríamos transportá-lo para a maca num gesto coordenado do grupo, a cinco ou seis pares de mãos, de tal forma que ele seria posicionado sobre a maca mantendo o desalinhamento da perna, minimizando ao máximo as torções do eixo da perna acidentada para que ele não sentisse muito mais dor do que já estava sentindo. Assim foi feito, contudo, surgiu um problema, a perna dele estava tão desalinhada que mesmo estando ele com as pernas fechadas o pé da perna acidentada ficava fora da maca. Nessa situação não tínhamos como prendê-lo na maca e transportá-lo montanha acima. Enquanto estudávamos o que fazer, eu, que sozinho estava segurando a perna acidentada, por não conseguir apoiá-la sobre a maca e diante do impasse, sem discutir com o acidentado, e sem que ele percebesse minha intenção, tomei de repente a decisão de puxar levemente a perna e realinha-la para que ela ficasse paralela à outra. Nesse momento, pego de surpresa o infeliz apagou de dor por alguns momentos e quando ele voltou, já estava bem posicionado sobre a maca.



Para atenuar as dores, durante o ato de içamento, procurei imobilizar a perna para minimizar os movimentos no local da fratura durante o transporte. Nos valem os de dois galhos de árvore finos e retilíneos para fazer uma tala que ia da canela até debaixo da axila do braço direito. O mais incrível ato de criatividade do grupo, foi utilizar a corda do CEU de 50 metros, de maneira que sem cortá-la demos todas as voltas em torno do corpo do infeliz, fizemos todas as amarrações necessárias para que ele ficasse fortemente atado à maca e ao mesmo tempo deixamos um pedaço de 5 metros aproximadamente, ligado ao vértice da maca, para que uma ou duas pessoas acima do grupo que escalava içando a maca, pudesse auxiliar puxando a maca pela corda.

**-- Osvaldo Egidio de Oliveira**